

A VIOLÊNCIA COMO PARTE DO VIVER NO CONTO “A VIRGEM SANTÍSSIMA DO QUARTO DE JOANA”

“A VIRGEM SANTÍSSIMA DO QUARTO DE JOANA”: THE VIOLENCE AS PART OF LIFE ITSELF

Anna Paula Teixeira Daher
Universidade Federal de Goiás (UFG)
aptd78@gmail.com

Resumo. No conto A virgem santíssima do quarto de Joana, de Bernardo Élis, a violência é narrada pelo fio da perda da sanidade da personagem principal. Ao tempo em que se desenrola a sua história, ela se esvai diante de nossos olhos. Além da violência que é o fio condutor da obra, nela, é possível entrever todas as principais características da produção de Élis: a religiosidade e a pobreza do sertão, a “república do coronelismo”. Mas a forma como Joana vive e morre leva à reflexão da naturalidade com a qual esses atos violentos fazem parte do dia a dia daquele grupo, na esteira da discussão de Homens livres na ordem escravocrata, de Maria Sylvia de Carvalho Franco.

Palavras-chave. Bernardo Élis, violência, estudos de gênero.

Abstract. In Bernardo Elis’s “A virgem santíssima do quarto de Joana”, violence is narrated by the main character's loss of sanity. As the story unfolds, she vanishes before our eyes. In addition to the violence that is the guideline of the work, in it, it is possible to glimpse all the main characteristics of Élis' s production: the religiosity and poverty of the “sertão”, the “republic of coronelismo”. But the way Joana lives and dies leads to a reflection of the naturalness with which these violent acts are part of the daily life of that group, in the wake of the discussion of Maria Sylvia de Carvalho Franco’s “Homens livres na ordem escravocrata”.

Key words. Bernardo Élis, violence, gender studies.

A virgem santíssima do quarto de Joana é um conto de Bernardo Élis que faz parte do livro *Ermos e Gerais* (que traz 19 contos e uma novela), publicado pela primeira vez em 1944 - um marco para a literatura goiana, trouxe a estética do primeiro momento modernista¹, com o seu nacionalismo crítico e denunciou a precariedade e a violência seminais da vida no sertão goiano (TEIXEIRA, 2014). Lá se vão mais de 70 anos, mas a obra ecoa problemas e questões muito contemporâneas, como, por exemplo, a subordinação feminina e violência contra a mulher.

Antes de falarmos diretamente da violência, é bom lembrar um pouco dessa característica fundamental da obra do Bernardo Élis, que é a da denúncia social. No caso, partindo da história da Joana, é possível ver discussões que, de um modo ou de outro, permeiam a produção dele continuamente: a religiosidade e a pobreza do sertão, a “república do coronelismo”, usando a expressão do prof. Itami Campos (2003, p. 24), com essa figura dúbia, o coronel, que é ao mesmo tempo que opressor e símbolo da civilidade (OLIVEIRA, 2016) e que vai aparecer com grande destaque, e crítica, em obras como *O Tronco* e o conto *A enxada* (publicado no livro *Veranico de Janeiro*).

Mas quanto ao conto que aqui nos interessa, em resumo, a história se desenvolve quando Joana, uma moça negra que cresceu na casa do Coronel Rufo e prestava serviços domésticos à família em troca de comida e abrigo. Dedé, o filho do Coronel, com ela se relaciona e a engravida. Apesar da promessa de casamento do rapaz, Coronel Rufo e sua esposa, D. Fausta, providenciam para que Joana se case com o coveiro da cidade - Bento, alcoólatra e dito canibal (tinha fama de comer carne de anjinho do cemitério), evitando o que viam como um grande escândalo. É o próprio Coronel quem dá o tom do problema quando indaga a Joana: “eu sei que você se perdeu e chamei você aqui para saber quem foi que te fez mal.” (ÉLIS, 2005, p. 102). Joana estava perdida, não era mais virgem, logo, não era mais moça apta para um bom casamento². À época, o modelo familiar ditava que:

O casamento é considerado indissolúvel, monogâmico e ligado à reprodução. Abriga duas ordens de responsabilidades morais. A masculina é fundada na relação com o trabalho e na virilidade - manutenção econômica da família e atitude protetora para com os seus membros. A feminina está calcada na preservação da sexualidade e no exercício da maternidade - virgindade pré-

¹ A primeira geração modernista ou primeira fase do modernismo no Brasil é chamada de "fase heroica" e se estende de 1922 até 1930.

² Essa era até mesmo uma questão legal, o Código Civil de 1916, então em vigor, considerava erro essencial sobre a pessoa do outro cônjuge (causa para anulação do casamento) o defloramento da mulher ignorado pelo marido.

nupcial, fidelidade conjugal e dedicação ao lar e filhos. (NEGREIROS e FERES-CARNEIRO, 2004, p. 1).

No entanto, Bento, o coveiro, era um homem bêbado e endividado. Diante da promessa de casa, mantimentos e dinheiro, a ausência de pureza de Joana não fazia qualquer diferença. Foi um negócio que satisfez ambas as partes envolvidas (à Joana, ela própria, nada foi perguntado ou permitido). Foi um negócio entre homens e, como explicou Élis dando voz ao Coronel, “muito bem pago. Ora: honra nacional. Indústria brasileira falsificada. Essa gente é pra essa gentinha mesmo. Pobre e negro têm honra o quê!” (ÉLIS, 2005, p. 163).

Ao contar a história, que é de repulsão, Élis destaca o que foi a posição da mulher por tanto tempo, desde Hesíodo e Aristóteles, por exemplo: a de ser inferior e portadora do mal (FONSECA, 2010), ainda que a Joana tenha sido violentada ao longo da vida pelos homens que encontrou pelo caminho, inclusive o marido, que embora tivesse nome abençoado de santo não tinha nada, e que lhe joga a pá de cal no caixão quando, horripilado pelo filho que nasce deformado, devora a outra criança que registrou como sua, mas que era só dela. A narrativa de Joana é o reflexo do que nos lembra Delumeau:

[...] a mulher era acusada pelo outro sexo de ter introduzido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte [...]. O homem procurava uma responsável pelo sofrimento, o fracasso, o desaparecimento do paraíso terrestre e encontrou a mulher. Como não desconfiar de um ser cujo maior perigo consistia num sorriso (DELUMEAU, 1989, p. 314).

Já se estabeleceu aqui a facilidade com que a figura da mulher, enquanto profana, é ligada à queda do homem. (DOTTINI-ORSINI, 1996), e isso fica claro com a atitude do Bento. Ele vê a figura caricata do filho e pune a mulher, aquela que não servira nem para lhe dar o filho que ele merecia. Fica claro com a atitude de Dedé, que abandona o problema que Joana se torna para que seus pais resolvam, e com o próprio Coronel, que "gostava de lamber com os olhos as pernas da menina, as suas formas que esmurravam as vestes numa ânsia selvagem de espaço, de infinito." (ÉLIS, 2005, p. 157).

A violência é narrada pelo fio da perda da sanidade da Joana. Ao tempo em que se desenrola a sua história, ela se esvai diante de nossos olhos, perdida irremediavelmente no chão, cercada pelos corpos dos filhos, um nascido tão deformado “um pedaço de carne, uma caricatura humana” (ÉLIS, 2005, p. ??), que não pudera viver, o outro tão perfeito que acabou feito monstro pelo marido, que quebrava um dos tabus primordiais ao buscar carne humana, e, cabe lembrar, era um marido que lhe fora imposto pela covardia daqueles que a cercavam.

A forma como a violência faz parte da vida da Joana lembra a discussão de *Homens livres na ordem escravocrata*, de Maria Sylvia de Carvalho Franco. A obra em si não dialoga diretamente com o que aqui se fala, uma vez que a autora enfrenta as questões relacionadas aos nexos entre escravidão e trabalho livre, os limites entre escravismo e capitalismo – a constituição do Brasil moderno a partir do trabalho livre. Mas, para fazer essa discussão, especialmente no Capítulo I, intitulado *O Código do Sertão*, Franco elabora e refuta a ideia de que o escravismo seria o núcleo gerador do atraso, da violência, fazendo uma construção de um viver que é naturalmente violento. Segundo a própria autora, o Capítulo I é aberto por um "longo e comovente testemunho" no qual "todos os aspectos da cultura, recolhidos no conceito de comunidade, desdobram-se diante de nossos olhos - integração à natureza, relações socioeconômicas, sentimentos, ideário, religiosidade-, associados a um outro elemento excluído daquela teoria: a grande violência que lhes dá sentido. Sobretudo a linguagem nos transporta para um mundo concretamente representado" (FRANCO, 1997).

Essa descrição de Franco sobre a própria obra diz muito sobre o conto de Bernardo Élis e leva à pergunta: mas, o que é a violência? Conceito sem definição exata, ou de múltiplas definições, pois depende da abordagem teórica, do tempo e do lugar (MONTEIRO, 2010), e isso nos leva a ponderar: a ideia de violência que permeia a primeira metade do séc. XX é a mesma ideia de violência dos dias atuais? Observar a cultura nos permite compreender que as convenções sociais que são estabelecidas como padrão vão, ao longo do tempo, sofrendo mudanças, embora algumas persistam mais longamente. É o caso da violência. Para os nossos olhos de 2021, alguns comportamentos são inaceitáveis, e isso é bom, mas, enquanto leitores, é preciso contextualizar o período e o viver, a fim de chegar na crítica do comportamento que somos aptos a fazer nos dias de hoje

Sendo um fenômeno humano, a violência deve ser analisada sob a ótica da cultura na qual ocorre: atos considerados violentos em algumas culturas são aceitos em outras. A sociedade na qual Joana vivia tinha na sua formação uma violência que até então não era vista como tal: com castigos corporais usuais e brutalidade no trato entre os casais, entre pais e filhos (espancamentos, por exemplo, eram usados e aceitos) e entre as pessoas em geral. É interessante observar que a violência não estava relacionada apenas às vidas marginalizadas ou à pobreza, ela era parte constitutiva da percepção de mundo daqueles homens e mulheres³, todos eles; o

³ “A reforçar a idéia da violência como moeda corrente e preferencial nas diversas formas de interação social, há o fato de que ela ocorria sistematicamente entre iguais, os que partilhavam os mesmos espaços sociais e competiam pelos mesmos recursos materiais e simbólicos [...]”. (VELLASCO, 2005).

que nos leva ao alegado por Hannah Arendt (1994, p. 32) quando ela fala que a violência é manifestação de poder. Para este mundo, a violência era parte do viver, aceita muito naturalmente, um fenômeno cultural ao qual homens e mulheres recorriam como solução dos problemas, defesa de direitos, defesa da honra, uma maneira de afirmação de posição social, de valores.

Desfigurados os filhos e desfigurada a própria Joana, lembremo-nos como Élis abre o conto: “Joana estava agachada num canto da sala de chão úmido, com o cadáver de uma criança nos braços. Ambos sujos de sangue. A criança roxa, escangotada, em cuja boca aberta a mulher metia a pelanca dos peitos murchos” (ÉLIS, 2005, p.91), não há dúvidas de que esta vai ser uma história de impacta, mas enquanto se passa pelo triste destino da Joana e pela visão que os outros têm dela, (os outros - outros homens: o primeiro amante, que é o médico que a examina, a figura de autoridade do Coronel, o marido, o delegado, até mesmo os filhos dela são homens) nota-se como sua vida se desenvolve nesse ambiente violento e impositivo, no qual ela não pode desenvolver sua vontade própria. Deu ao primeiro homem que a encantou sua virgindade, em um ato de vontade própria (ainda que discutível, tendo em vista que o rapaz, como filho do coronel, era ele próprio uma figura de autoridade, uma figura a ser obedecida) e, ao fazer isso, Joana perdeu todas as chances que teria na vida ao engravidar, foi vista como culpada, como profana, como um incômodo. Foi submetida a um casamento de violência e opressão e perdeu a razão ao ser profanada mais uma vez e parir um filho-monstro.

O médico nos conta o destino da Joana com a mesma dureza que começamos a ouvir a sua história: “[...] um caso liquidado, que ela estava louca e com uma febre tão alta que não poderia resistir por muito tempo: - era um caso de alienação mental dos tecidos aracnoides do encéfalo” (ÉLIS, 2005, p.91). Diante do que restara de Joana, ele ainda complementa: “cientificamente estúpida” (ÉLIS, 2005, p.91). O quadro de horror não parece exatamente comover o médico, que se afasta do sangue da moça, que escorre enquanto ela se esvai, e diz ao Delegado, outro homem presente no ocaso de Joana: “Essa pequena era um colosso! ” É quando o delegado entra na conversa: “você é que soube aproveitar, seu sacana! “ É o próprio narrador quem joga a pá de cal no caixão de Joana, enquanto descreve o seu estrebuchar mole – uma chama a se apagar em um sepulcro (ÉLIS, 2005, p.92), enquanto o doutor a via como era (e como a conhecera), nova, nua, “trêmula, gemendo de luxúria, na sensualidade brutal de seus amores clandestinos” (ÉLIS, 2005, p.92).

A forma como a história é narrada nos fala muito sobre a forma como Élis foi ensinado a ver o mundo, como ele mesmo explica:

Minha infância foi muito atormentada com os problemas de pecado, do inferno...A educação caipira baseia-se muito no medo: o menino fica com temor de tudo. Não sai à rua, porque tem bêbado e tapuio que rouba menino. [...] DE noite, tem capeta em cada canto, uma assombração em cada canto.... Então, era a vitória do temor. E eu era uma pessoa muito “assombrada”. (ABDALA JR., 1983, p.6)

Essa visita à ameaça do inferno e do pecado também ecoa na história de Joana, e já começa pela Virgem Santíssima que traz no título. Ainda que Élis não use de muitas palavras para descrever essa relação que é eminentemente silenciosa, o manto da Virgem paira como uma promessa de proteção a Joana. E a religiosidade é uma característica importante para compreender a obra de Élis, como já se citou, e também para compreender a própria identidade do goiano. A religiosidade está entranhada no viver do interior de Goiás:

[...] exposta nas festas religiosas, na folia de reis, nas rezas, e novenas de raízes sertanejas”, é um dado indispensável para a compreensão da cultura goiana. Saindo da paisagem religiosa, ressaltamos que o texto bernardiano, embora seja uma ficção, ultrapassa essa fronteira para expor a realidade da cultura rural patriarcal, coronelista goiana (PESSOA, 2005, p. 33).

A partir de uma vida de horror, Bernardo Élis nos leva pelas realidades do sertão goiano, pelas dificuldades da pobreza, pela força do poder dos coronéis, pela importância da religiosidade na formação das pessoas, não nos deixa desviar da difícil realidade que ali acontecia. Foi o próprio escritor quem disse certa vez ter tentado “fazer da literatura uma arma de denúncia” (ÉLIS, 2005, p. 95), para mim, de todas as qualidades e a força que a obra dele tem, a maior delas é que ele sempre foi tão apenas escritor. Ao fazer a sua denúncia social ao longo de anos, nunca tentou ser um sociólogo ou um cientista político, o fez com a força da sua narrativa e criou uma obra que sempre foi denúncia, sem perder o fim de ser literária.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ABDALA Jr., Benjamim. **Literatura comentada. Bernardo Élis**. São Paulo: Abril Educação, 1983.
- CAMPOS, Itami. **Coronelismo em Goiás**. 2.ed. Goiânia: Vieira, 2003.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOTTINI-ORSINI, Mireille. *Cette femme qu'ils disent fatale*. Grasset, 1993. ---. *Salomé*. Éditions Autrement, 1996

ÉLIS, Bernardo. A Virgem Santíssima do Quarto de Joana. In **Ermos e Gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Duas noções fundadoras da construção da inferioridade feminina: o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Servilha. In **Anais Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010. Disponível em http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1291381538_ARQUIVO_PedroFonseca.pdf. Acesso em 20 mai 2021.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Resposta à Ortodoxia. In **Folha de São Paulo - Caderno Mais**, 14/09/1997. São Paulo, 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs140921.htm>. Acesso em 14 de janeiro de 2017.

MONTEIRO, F. O. Plantão social: espaço para identificação/notificação de violência contra crianças e adolescentes. In: **Serviço Social & Sociedade: formação e exercício profissional**. São Paulo, n. 103, p. 476-502, jul./set. 2010.

NEGREIROS, Teresa; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. In **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 set. 2021.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. O bom e o mau coronel: representações sobre o coronelismo na obra de Bernardo Élis na historiografia. In **Fênix – Revista de História e Estudos Culturais**. Julho - Dezembro de 2016 Vol.13 Ano XIII. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em 27 mai 2021.

PESSOA, Jadir de Moraes. **Saberes em festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular**. Goiânia: Ed. da UCG; Ed. Kelps, 2005.

TEIXEIRA, Átila Silva Arruda. 70 anos de *Ermos e Gerais*. In **Anais do IV Congresso Internacional de História. Cultura, sociedade e poder**. 23 a 25 de setembro de 2014. Universidade Federal de Goiás, Regional Jataí. Disponível em [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(23\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(23).pdf). Acesso em 18 mai 2021.

SOBRE A AUTORA

Anna Paula Teixeira Daher

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG). Bolsista CAPES Membro do Grupo de Estudos em História e Imagens (GEHIM/CNPQ/UFG), da Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas do Mundo Contemporâneo, do Laboratório de Estudos Interdisciplinares em História e Literatura (LIHLIT/UFG) e do Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (ICEBE).

Recebido em setembro de 2021

Aceito para publicação em novembro de 2021

Publicado em novembro de 2021